

Passos inspirados na Gestalt

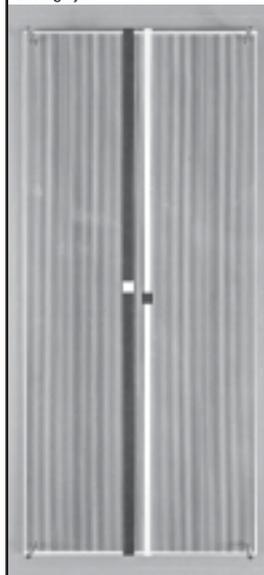
Divulgação



O coreógrafo João Saldanha mostra durante todo o mês de janeiro o espetáculo inédito *Soma*, inspirado na Gestalt - tendência teórica da psicologia que prioriza o todo. No palco do Espaço Sesc, seis bailarinos com formação clássica e contemporânea recombina movimentos. **(Dança – pág. 4)**

Construção da imaterialidade

Divulgação



A partir do dia 24, o carioca vai poder apreciar no CCBB a pintura cinética do venezuelano Jesús-Rafael Soto, considerado um dos maiores artistas plásticos do século vinte. É a primeira vez que a obra de Soto é vista no Brasil. **(Artes Plásticas – pág. 12)**

Olhar feminino sobre o cotidiano

Regina Duarte interpreta sete mulheres que se revezam para relatar suas impressões sobre o dia-a-dia em *Coração Bazar*, peça já vista em oito cidades portuguesas. A estréia é dia 6, no Teatro Sesi. **(Teatro – pág. 6)**



Divulgação/Bene Porto

Imagens inéditas do Rio Antigo

Pinturas, aquarelas e desenhos nunca vistos sobre o Rio do século 18 estão reunidos no livro *O Rio de Janeiro na Rota dos Mares do Sul*, de Pedro da Cunha e Menezes. As imagens foram descobertas na Austrália. **(Literatura – pág.3)**



Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboraram nesta edição:

Amorim

Antônio Torres

Gloria Castro

Jorge Salomão

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial	pág. 2	Cinema.....	pág. 9
Antônio Torres...	pág. 3	Video/DVD	pág. 10
Literatura	pág. 3	Sérgio Britto	pág. 11
Dança	pág. 4	Artes Plásticas	pág. 12
Luis Pimentel ...	pág. 5	Show	pág. 13
Teatro	pág. 6	Televisão	pág. 14
Jorge Salomão	pág. 7	Aconteceu	pág. 15
Sétima Arte	pág. 8	Paulo Raider	pág. 16

Editorial

Janeiro está aí. O clima esquentado, o Rio ferve. Os ensaios nas quadras das escolas de samba estão a todo vapor, as noites na Lapa também. E o mês que faz parte do nome da cidade chega recheado de atrações culturais. E olha quanta gente boa vai circular por aqui: Regina Duarte, na peça *Coração Bazar*; o coreógrafo João Saldanha com o espetáculo *Soma*, Oswaldo Montenegro e Fábio Junior e muitos outros, fora os internacionais Colin Farrell e Julia Roberts nos telões. Tudo isso está no ACONTECE NA CIDADE. E entre um intervalo e outro, leia Sérgio Britto, Antônio Torres, Jorge Salomão, Luis Pimentel, Leonardo Luiz Ferreira, Paulo Raider... Pegue o boletim cultural mais simpático do Rio e aproveite!!





Antônio Torres

O mês do Rio

Quando, no dia primeiro de janeiro de 1502, o navegante português Gonçalo Coelho deu com os seus costados nestas águas de sonho, som e fúria, ignorava que o lugar tinha dono e nome. Vários nomes, aliás: Rio de Arrefens, Rio de Oriferis, Rio de Iaceo, Rio de Rama. O que pode nos levar a deduzir que diferentes povos, em eras anteriores à dos tupinambás, já haviam aportado nestas paragens, embora não se saiba a sua real procedência. E que todos eles, ao chegarem, confundiram a boca de entrada da baía de Guanabara com a foz de um grande rio.

Tenha sido Gonçalo Coelho o último ou o primeiro a fazer esta confusão, pouco importa. O importante é que o seu engano resultou nesse nome bacana de Rio de Janeiro. E esse batismo foi o único registro digno de nota em relação ao descobrimento dessa terra, na qual os portugueses não viram a cor do que procuravam: o ouro. Só avistaram selvas,

índios, papagaios e pimenta. Navegaram para o Sul, no rumo de São Vicente.

Um ou dois anos depois disto, os franceses começaram a chegar. E entraram em delírio diante da vida selvagem, com toda a sua liberdade de costumes e a carne morena das fogosas cunhãs, nuinhas em folha. Sol, sexo, mar e selva. Eta vida boa! Caíram na farrá. Em 1555, veio o vice-almirante bretão Villegagnon, que se instalou na ilha que até hoje tem o seu nome (colada ao aeroporto Santos Dumont), com o propósito de fundar aqui a tal da França Antártica. O seu projeto só serviu para fazer os portugueses se interessarem pelo Rio. Começaram a pegar pesado a partir de 1560. O pau comeu até 1567, quando Mem de Sá tomou a posse definitiva da cidade fundada dois anos antes pelo seu sobrinho Estácio. E assim tem vivido o Rio, de janeiro a janeiro: em festa ou em guerra.



Literatura

Ouro em pó

Livro revela imagens nunca vistas do Rio Antigo

Duzentas pinturas, aquarelas e desenhos inéditos sobre o Rio de Janeiro do Século XVIII estão reunidos no livro *O Rio de Janeiro na Rota dos Mares do Sul*, de Pedro da Cunha e Menezes, que acaba de chegar às lojas. O diplomata encontrou obras sobre a cidade em seu posto, em Sydney, na Austrália, em idas a museus e instituições culturais, que revelaram farto material produzido entre 1750 e 1850, quando os navios destinados à Oceania tinham o Rio como escala.

Além das imagens, a publicação reúne textos de Pedro Menezes relatando a

história das expedições que resultaram na coleção; de Júlio Bandeira, curador dos Museus Castro Maya, analisando os aspectos filosóficos desse encontro de civilizações, e do Almirante Max Justo Guedes, ex-diretor do Centro Cultural da Marinha, abordando o regime de ventos que propiciou a chegada das embarcações ao Rio de Janeiro.

Há ainda inúmeros relatos também inéditos de artistas e marinheiros ingleses que, a caminho da Austrália, nos visitaram no século XVIII. Todos os textos são em português e inglês. **(G.C.)**





Quando o todo é mais importante

Coreografia inédita de João Saldanha no Espaço Sesc

SOMA é o nome do novo espetáculo com o qual o bailarino e coreógrafo João Saldanha volta aos palcos cariocas, numa temporada de 6 a 30 de janeiro, no Mezanino do Espaço SESC, em Copacabana, de quinta a domingo. A coreografia, inédita, é o resultado da pesquisa e criação de Saldanha em torno da Gestalt, tendência teórica da psicologia onde o todo é mais do que a mera soma das partes. Seis bailarinos (Daniel Calvet, Fernanda Cavalcanti, Flávia Meiorelles, Laura Sämy, Marcelo Braga e Marcellus Ferreira) realizam um repertório de seqüências, num rigoroso roteiro, sem espaço para improvisos. Todos têm sólida formação

clássica e contemporânea e mostram movimentos propostos e recombinações numa rigorosa coreografia.

A ambientação do Mezanino do Espaço SESC foi concebida também por Saldanha, que transformou os 14m X 9m numa caixa prateada. A música é o ritmo pulsante de Elvis Costello & Brodsky Quartet, somada à complexidade dos estudos para piano de György Ligeti; a direção musical é de Sacha Ambak. Os figurinos trazem a assinatura de um criador de moda internacional - o designer Francisco Costa, que assina a grife Calvin Klein nos Estados Unidos. **(G.C.)**

PROCURADO

Você tem boa
comunicação e
vontade de trabalhar?



Seja um Contato Publicitário
Recompensa: comissões de 20%
sem horário nem metas para cumprir
LIGUE:
2527-5519 / 9666-5469 - Ricardo



**Luís
Pimentel**

Lembrando Mané Garrincha

Eu era menino e vendia laranja na porta do Estádio Municipal Jóia da Princesa, em Feira de Santana, quando vi um Deus bem de pertinho. Em um domingo, o Clube de Regatas Flamengo chegou por lá, em meio a uma excursão que fazia pelo Nordeste, exibindo, além da mística do manto sagrado, um mito do futebol brasileiro: Mané Garrincha encerrava a carreira em melancólicos jogos de exibição.

Ao vê-lo descer do ônibus na porta do estádio, abandonei o cesto de laranjas e me dependurei na mão do anjo das pernas tortas, que caminhou devagarinho ao meu lado até o portão de entrada dos atletas. Despediu-se de mim e de outros meninos que o cercavam com um sorriso que jamais esqueci.

Tive ali meus cinco ou seis minutos de glória.

Chamava-se Manuel Francisco dos Santos, nascido na cidade de Pau Grande, estado do Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro de 1933. Ganhou o apelido ainda bem pequeno, da irmã mais nova, porque era miudinho e arisco como o pássaro Garrincha. Sabe-se também que, quando menino, adorava caçar passarinho. Não escapa-

vam os coleiros, nem as rolinhas, sabiás, cardeais, canários, bem-te-vis, zabelês, juritis e, por que não? Garrinchas. Dizem que mais tarde veio a justificar o apelido dentro de campo, pela maneira engraçada com que passava "voando" pelos marcadores, que por mais que o caçassem jamais conseguiam colocá-lo na gaiola.

Começou a correr atrás de bola ainda menino, beirando os quatorze anos, no Esporte Clube Pau Grande – pertencente ao dono da fábrica de tecidos onde tentava aprender a ser tecelão. Não conseguiu, ainda bem. E atrás da bola, com suas pernas tortas, tronchas e arqueadas, uma para dentro e outra para fora, correu por muitos anos.

Atrás da bola e às vezes na frente, diante de zagueiros – e às vezes atrás – de todos os tamanhos e todas as nacionalidades, passou boa parte de sua vida. Jogou três copas do mundo, ganhando duas. Conquistou inúmeros títulos estaduais com a camisa alvinegra do Botafogo, vestiu a camisa rubro-negra do Flamengo no final da carreira, em jogos de exibição, e se perdeu no campo da vida quando a bola deixou de correr à sua frente.

Carregou até o fim dos dias a fama de reprodutor indomável. E teve 13 filhos, com três mulheres diferentes (uma delas, a famosa cantora Elza Soares) Triste, solitário, infeliz e quase sempre embriagado, viveu seus últimos anos entre consultórios médicos, clínicas de desintoxicação e até hospitais psiquiátricos. O fígado e o coração resistiram até o dia 20 de janeiro de 1983. Tinha 49 anos de idade.

Preserve suas melhores lembranças

Copie suas fitas VHS e seus filmes super 8 para DVD!

Vanguarda Vídeo

2252-1211

curtaocurta

curtaocurta

curtaocurta

CINEMA E VÍDEO NA REDE

www.curtaocurta.com.br 2539-7016



Sete mulheres em uma só

Regina Duarte é a estrela de *Coração Bazar*

O público carioca vai poder conferir em curtíssima temporada – de 6 a 30 de janeiro – o mais recente trabalho de Regina Duarte que, depois de apresentações em oito cidades portuguesas, traz para o Teatro Sesi, no Centro, a peça *Coração Bazar*. A atriz interpreta sete mulheres que se revezam no relato das impressões sobre o cotidiano que as cercam. Falam de expectativas, temores e deleites diante da experiência de viver. O título é inspirado numa expressão usada por Fernando Pessoa num dos poemas que compõem o espetáculo.

Além do poeta português, formam a peça textos escolhidos pela atriz e que são significativos das várias fases de sua vida: Carlos Drummond de Andrade, Cleise Mendes, Ferreira Gullar, Cecília Meirelles, Millôr Fernandes, Clarice Lispector, João Silvério Trevisan, Vinícius de Moraes, Ivan Ângelo, Adélia Prado, Liv Ullman, Florbela Espanca, Paulo Leminsky e da própria Regina Duarte. Na trilha musical Pink Floyd e Chopin, entre outros músicos de várias tendências. A direção é de José Possi Neto. **(G.C.)**



Divulgação

Em ritmo de marchinha

Musical com canções de Braguinha no Centro Cultural Correios



Divulgação

O clima dos antigos carnavais está no Centro Cultural Correios com a temporada do espetáculo *Braguinha - A vida só gosta de quem gosta dela*, de 6 de janeiro a 13 de março. São 26 composições, executadas por músicos com características e instrumentos típicos das antigas bandas de marchinha. O roteiro musical, focado no repertório da época de ouro do carnaval, traz preciosidades como *Laura*, *Anda Luzia* e *Carinhoso*, sob o comando de Edu Mansur e do maestro Roger Henri.

Seis atores, cinco bailarinos e seis músicos interpretam as canções, com o recurso cênico de um telão, que projeta imagens de arquivo do Rio de Janeiro e do compositor, entre outras. Os parceiros de João de Barro, o Braguinha, como Almirante, Alberto Ribeiro, Pixinguinha e Noel Rosa, também estão presentes na peça e são lembrados durante o musical, que não é um espetáculo biográfico. No elenco, os atores Lipe Vianna, Célio Rentroya, Carolina Futuro, Adriana Tolentino, Adriano e Luciano Madder e os bailarinos Daniela Santos, Jacline, Ana Rosa Ramos, Leandro Ferreira e Maurício. **(G.C.)**



Jorge Salomão

“O desnível entre o excesso de luxo e o excesso de miséria estilhaça a dimensão humana”.

Tristes Trópicos / Claude Lévi-Strauss

A natureza exuberante e ameaçada grita sem parar através de seus reinos, animais e atmosferas. O que fazer? Não encontro saída nesse corredor. Como uma câmera secreta vou filmando tudo: eu vejo, eles não me olham. Agora me olham também. E dialogamos da sacada ao pátio, tudo é resto de festa: as acerolas, os pássaros, a lixarada. Ela passeia, dança e os crocodilos no lago a nos espreitar. O balão enche o céu de estrelas artificiais e nós a espalhar alegria. Quem resiste ao pancadão do som numa noite de lua cheia?



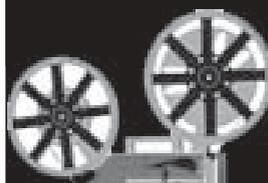
Pensando, pensando e não chegando a conclusão, a lugar nenhum. Por quê? A tarde está quente. Tórrido pré-verão. Caminhando, pegando sombras nas marquises da cidade, pulando igual a um macaco de galho em galho, procurando o quê mesmo? Não sei, ninguém sabe. Os objetivos da vida são o quê? Por que se luta tanto? Os dias estão passando muito rápidos, os dias parecem um século. Os dias explodem o tempo. O que é o tempo? Um grão de areia? O tudo? Pare e pense um pouco e depois enlouqueça misturando tudo numa dança transformadora de sons e valores. Enquanto há tempo, enquanto dá para

existir, enquanto, enquanto...



O tempo corre, na gíria, diz o sambista compondo. Ele delira e ela vibra e dança. Vou ver a moça, a baiana da esquina, eu quero me esbaldar. Eu quero muito, muito mais. Sou um pássaro perdido no mangueiral. Sou o abismo que se agiganta no papo transformador de luzes, o vento, o furacão, o mar. Volto cinicamente à realidade, à pútrida realidade dos dias atuais. O que está acontecendo com o ser humano? Subindo os degraus, passo a passo, mastigando a própria sede e seguindo. Onde o ritmo? Onde o coração? Tiro o foco, boto o foco e a lente se embaça de vez na trepidação da caminhada sem ar até o topo do monte. E os jacarés? Eles e seus dentes afiados a nos mostrar o terror. Varrendo o pátio, cheio de flores, o som da vassoura no cimento, os vagabundos do outro lado da rua, os automóveis, o chamado telefônico e eu, vento solto a esparramar tudo de novo. E volta e meia tudo se dá assim, na pá virada do mundo. Problemas, quem não os tem? Dialogue e subverta. Seja firme como o sol forte do verão. Abra seu ângulo, se expanda. Sonhos são sonhos e nada mais. A hora é agora! Alegres Trópicos: Não vamos deixar o amor morrer! Alafia!





Sétima Arte

Passado a limpo

O cinema, uma arte tão diversificada, merece não só uma simples lista de melhores do ano restrita a poucos filmes. Para ser mais justo, em vez de apenas o tradicional top 10 subdividi em categorias para abranger mais obras e ressaltar trabalhos isolados, mas ainda assim relevantes. Assisti a mais de 650 longas no ano passado, somando as mais diversas

mídias, e a lista final abriga somente as películas lançadas em cinema, sem contar relançamentos e festivais, do dia 1º de janeiro até 31 de dezembro de 2004. E a pretensão não é claro de ditar os melhores, até porque não vi tudo, mas sim os destaques e os meus preferidos, formatando um bom panorama de indicações.

Nacional

- 1º Filme de Amor, de Julio Bressane
- 2º Diários de Motocicleta, de Walter Salles
- 3º Narradores de Javé, de Eliane Caffé
- 4º Garotas do ABC, de Carlos Reichenbach
- 5º O Outro Lado da Rua, de Marcos Bernstein

Internacional

- 1º Kill Bill vol. 1, de Quentin Tarantino
- 2º Dogville, de Lars von Trier
- 3º Zatoichi, de Takeshi Kitano
- 4º Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola
- 5º Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças, de Michel Gondry

Documentário

- 1º O Prisioneiro da Grade de Ferro, de Paulo Sacramento
- 2º Peões, de Eduardo Coutinho
- 3º Na Captura dos Friedmans, de Andrew Jarecki
- 4º Fahrenheit 11/09, de Michael Moore
- 5º Fala Tu, de Guilherme Coelho

Ator

- 1º Daniel Auteil por O Adversário, de Nicole Garcia
- 2º José Dumont por Narradores de Javé, de Eliane Caffé
- 3º Paul Giamatti por Anti-Herói Americano, de Robert Pulcini e Shari Springer
- 4º Bill Murray por Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola
- 5º Jack Black por Escola de Rock, de Richard Linklater

Atriz

- 1º Uma Thurman por Kill Bill vol. 1 e vol. 2, de Quentin Tarantino
- 2º Mirella Pascual por Whisky, de Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll
- 3º Fernanda Montenegro por O Outro Lado da Rua, de Marcos Bernstein
- 4º Scarlett Johansson, atriz de Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola
- 5º Diane Keaton por Alguém Tem Que Ceder, de Nancy Meyers.

Roteiro Adaptado ou Original

- 1º Dogville, de Lars von Trier
- 2º Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças, de Michel Gondry
- 3º Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola
- 4º Anti-Herói Americano, de Robert Pulcini e Shari Springer
- 5º Zatoichi, de Takeshi Kitano

Direção

- 1º Quentin Tarantino por Kill Bill vol. 1 e vol. 2
- 2º Pedro Almodóvar por Má Educação
- 3º Lars von Trier por Dogville
- 4º Takeshi Kitano por Zatoichi
- 5º Michael Mann por Colateral

Revelação

- 1º Lucrecia Martel, diretora de O Pântano
- 2º Zach Snyder, diretor de Madrugada dos Mortos
- 3º Rodrigo De la Serna, ator de Diários de Motocicleta
- 4º Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll, diretores de Whisky
- 5º Elia Suleiman, diretor de Intervenção Divina

Parte Técnica

- Fotografia e Direção de Arte de Moça com Brinco de Pérola, de Peter Webber
- Montagem de Kill Bill vol. 1 e vol. 2, de Quentin Tarantino
- Som e Edição de Som de Mestre dos Mares, de Peter Weir
- Maquiagem de Hellboy, de Guilherme Del Toro
- Efeitos Especiais de O Dia Depois de Amanhã, de Roland Emmerich

Trilha Sonora

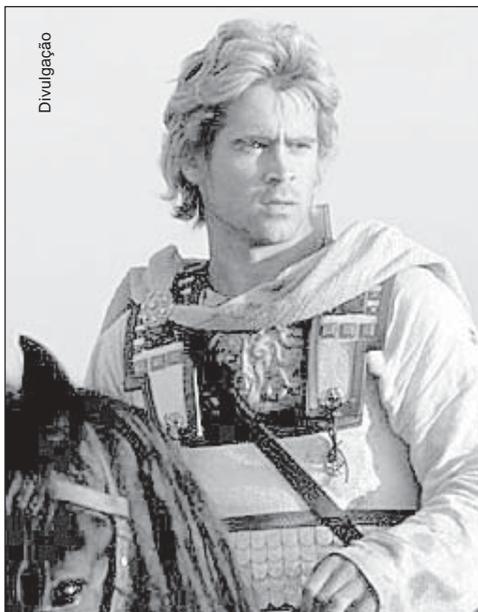
- 1º Kill Bill vol. 1 e vol. 2, de Quentin Tarantino
- 2º Antes do Pôr-do-Sol e Escola de Rock, de Richard Linklater
- 3º Madrugada dos Mortos, de Zach Snyder
- 4º Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas, de Tim Burton
- 5º Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola



Épico histórico

Colin Farrell é Alexandre, o grande

Com estréia prevista para o dia 14 de janeiro, *Alexandre* conta a saga de um dos maiores líderes da História, Alexandre, o grande. Com planos ambiciosos no mundo pré-cristão, o herói vivido por Colin Farrell parte da Macedônia com seus exércitos rumo a um lugar dominado pelos persas, a Ásia Ocidental. Vencer a guerra era considerado impossível, mas ele consegue e aumenta seus domínios para locais ainda desconhecidos, como o Himalaia e a Ásia Ocidental. Aos 27 anos, Alexandre já havia dominado 90% do mundo descoberto, sem nunca ter perdido uma batalha. Ao morrer, aos 32 anos, tinha construído um império jamais visto. No elenco, estão ainda Angelina Jolie, Anthony Hopkins e Val Kilmer. A direção é de Oliver Stone, que sonhava em levar para o cinema a história de Alexandre desde os tempos de estudante de cinema, na Universidade de Nova York. O filme é uma superprodução de 150 milhões de dólares. **(F.M.)**



Julia Roberts e Jude Law ao som de Bebel Gilberto

Chega aos cinemas *Perto Demais*

Com previsão de estréia para o dia 21 de janeiro, o filme *Perto Demais* (*Closer*) faz uma análise mordaz, divertida e honesta dos relacionamentos modernos, retratando a história de quatro estranhos (Julia Roberts, Jude Law, Natalie Portman e Clive Owen) e seus encontros inesperados, paixões instantâneas e pequenas traições. Na trilha sonora, três músicas interpretadas pela brasileira Bebel Gilberto: *Samba da Benção*, de Vinicius de Moraes, Baden Powell e Pierre Elie Barouh; *Tanto Tempo*, da própria Bebel e Suba e *Mais Feliz*, também de Bebel, desta vez com Andre Cunha e Agenor de Miranda Araujo Neto.

Perto Demais é dirigido pelo premiado Mike Nichols que, depois do grande sucesso *Angels in America*, segue a linha de seus clássicos como *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* e *Ânsia de Amar*. O divertido drama teatral de Patrick Marber, *Closer*, estreou em Londres em 1997, sendo premiado e elogiadíssimo pela crítica. A montagem na Broadway foi indicada a um Tony de Melhor Peça e



venceu o prêmio da Associação de Críticos Teatrais de Nova York de Melhor Peça Estrangeira. Desde então, já foi encenada em mais de 100 cidades de todo o mundo e traduzida em mais de 30 idiomas. **(G.C.)**

NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

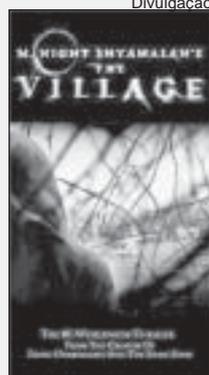
COLATERAL (*Collateral*) Direção: Michael Mann
Elenco: Tom Cruise, Jaime Foxx. O filme é estrelado sim por Tom Cruise, mas dirigido, sobretudo, por Mann, que deixou sua marca mesmo em um argumento tão comum sobre matador de aluguel. O cineasta é um perfeccionista que entende seu ofício e sabe que uma boa *mise-en-scène* é composta pelo todo e não apenas por uma parte envolvida, assim o esmero vai desde a fotografia, em tons azulados, a edição de som meticulosamente cuidada até a condução de câmera ágil e pertinente àquilo que se narra. Diferente de Edward Zwick - que seguiu a cartilha padrão de Hollywood e coloca Cruise acima de tudo em *O Último Samurai* - Michael prioriza o estilo, a atmosfera que pode obter através de uma cumplicidade maior entre os dois personagens principais, o matador e o taxista que o acompanha, que encaminha para o duelo *à la* faroeste, com reflexão melancólica. Tom é escalado para um papel de vilão, incomum em sua carreira, e seu nível de interpretação continua aquém do que se espera, e para sua composição o diretor escolheu uma peruca de fios de cabelos brancos. Na tela entende-se o porquê. O assassino profissional tem o rosto branco e forma angelical, mas atitudes frias e intempestivas de demônio. E é assim que a forma, a notável seleção de enquadramentos e o clima atmosférico no ar vai superar as obviedades ou ausências de conteúdo, como Friedkin em *Viver e Morrer em Los Angeles*, e fazer com que *Colateral* ultrapasse as barreiras de um simples *thriller* policial. **Cotação: bom.** EUA, 2004, Policial.



O TERMINAL (*The Terminal*) Direção: Steven Spielberg
Elenco: Tom Hanks, Catherine Zeta-Jones. Os planos iniciais caracterizam os Estados Unidos do pós-11/09 com os aeroportos americanos com segurança e vigilância elevada. Os estrangeiros sendo mal recebidos e a qualquer momento a iminência do terror. Entretanto, não se pode esquecer de que se trata de um longa de Spielberg e esse teor abertamente político só aparece em poucos diálogos, que são provavelmente obra do roteirista Andrew Niccol, o mesmo de *O Show de Truman*, e na personificação da figura do chefe do terminal. O ator Hanks, a imagem do bom moço, representa em cena Steven, o diretor, o mesmo que mandou retirar armas na reedição de *ET - O Extraterrestre*. A estrutura como sempre é bem e mal, mas mesmo o vilão não é tão ruim quanto parece ser e até o desfecho terá seu coração amolecido. Ele ainda desiste de destruir seu oponente pura e simplesmente. Isso para reforçar a base de todo o roteiro, explicitada na frase: "Você pode mudar sua vida. Jogar o bip fora". Não é o *american dream*, ou reflexão do terror que se insinua no início, é uma promessa de um filho para um pai, que recebe o tratamento infantil devido, com o drama deixado de lado. Curiosidade: várias referências ao Brasil como bandeira, camisa da seleção e até nozes especiais. **Cotação: regular.** EUA, 2004, Comédia.

A VILA (*The Village*) Direção: M. Night Shyamalan
Elenco: Joaquin Phoenix, William Hurt. Um dos fracassos de crítica e público do ano. Tudo porque Shyamalan está preso em uma armadilha que ele mesmo criou e a distribuidora, a Buena Vista,

insiste em explorar. O trailer de *A Vila* remete aos longas anteriores do diretor, como se ele fosse repetir o mesmo estilo e surpreender a platéia, e criou uma expectativa de tensão e do tal final surpresa. Essa ideia de reviravolta final que existe no cinema desde seu início, como em *O Gabinete do Doutor Caligari*, de Robert Wiene, se consolidou em tempos recentes através do êxito de *O Sexto Sentido*, de Shyamalan. Ele ignora os conceitos de sobrenatural e a ideia do menino como mensageiro, além de desmistificar essa relação de se preocupar só em surpreender o público, e realiza seu melhor trabalho de direção em *A Vila*. Uma trama de estranhamento, com fotografia barroca, de inspirados planos-sequências, com algumas desnecessárias tomadas exibicionistas, que promove uma alegoria sobre o totalitarismo e o caos da sociedade pós-moderna. Em especial, há uma das melhores sequências do ano com o esfaqueamento de um dos personagens principais visto por seu prisma, como se o espectador recebesse ao mesmo tempo a fachada. Um filme sobre a crença, como em toda a filmografia do diretor, naquilo que se sente e acredita, mais do que o que se vê e é concreto. **Cotação: bom.** EUA, 2004, Suspense.



MULHER-GATO (*Catwoman*) Direção: Pitof
Elenco: Halle Berry, Sharon Stone. A realização de um filme sobre um híbrido entre humano e felino existe desde 1992 quando Michelle Pfeiffer incorporou, de forma perfeita, o papel em *Batman: O Retorno*, de Tim Burton. Durante esse tempo, o roteiro passou na mão de diversas atrizes, mas nunca conseguiu sair do papel. Já no século XXI, a Warner conseguiu chegar a um acordo com a prestigiada Berry, a primeira atriz negra a vencer o Oscar na categoria principal, para estrelar *Mulher-Gato*. O cineasta francês Pitof, do habilidoso *Vidocq*, que é lançado também em vídeo agora em janeiro, foi convocado para comandar a produção. Ele promoveu uma estréia catastrófica em Hollywood, que deve sepultá-lo nos Estados Unidos. O longa não só é um dos piores de 2004 como vai permanecer como um dos *blockbusters* mais equivocados da década. A linha escolhida foi de ação, com efeitos computadorizados de acabamento discutível, e romance careta. A personagem exala sensualidade no imaginário masculino, porém recebe no filme contornos de dona de casa prendada e uma heroína de sentimentos nobres, abaixo do padrão e convencionalismo até para crianças e jovens, que nem se empolgam com cenas de ação ultrapassadas. A maior ironia é a presença de Sharon Stone em um papel adequado para o atual estágio de sua carreira: antes bela e desejada, agora lutando para manter a forma e impedir a velhice. Ela é a vilã, a mulher por detrás de uma fabricante de cosméticos diabólicos(!). **Cotação: ruim.** EUA, 2004, Ação.





Sérgio Britto

Lembro até do meu diálogo com o moço da livraria onde comprei:

- É policial?
- Não, não é.
- Mas aqui (e mostrei a capa) dá a entender que é um policial.
- Quer dizer, é policial, mas é mais que isso. Comprei, li. Era policial e muito, muito mais que isso.

Cidade Pequena começa com um crime e os personagens são gente muito variada, isto é, todas as classes sociais: literária, artística, todo o mundo nova-iorquino está no livro. O verdadeiro personagem é Nova Iorque, uma Nova Iorque que nós todos conhecemos, que é a Nova Iorque depois do 11 de setembro e do desaparecimento das torres gêmeas. A cidade perdeu o rumo e a população como que enlouqueceu: tudo que era ruim, piorou. O ex-tira Buckram é o herói que consegue prender o Carniceiro, assassino que ataca prostitutas, matando-as, às vezes com cortes precisos de navalha, que joga coquetéis molotov em bares e prostíbulos. Esse livro eu li em dois dias, e saí à procura de outros do mesmo autor. Já li mais quatro.

Punhalada no Escuro – um *serial killer* mata oito mulheres. Quando é preso, confessa a autoria dos crimes, menos um. O pai da moça assassinada quer saber o que aconteceu com a filha, se não foi o *serial killer*, quem poderia tê-la assassinado? Contrata um ex-tira para resolver o problema. Aí Block se repete, só que agora o ex-tira é Matthew Scudder. Ele teve um motivo muito especial para largar a polícia, mas é sempre lembrado pelos colegas para esses serviços de investigação particular. Creio que a motivação que o outro assassino encontrou para matar a única que não foi assassinada pelo *serial killer* é das coisas mais extravagantes que li num romance policial.

O terceiro livro que li: *O Ladrão que Estudava Espinoza* – Um livreiro, Bernard Rhodenbarr e sua cúmplice, para não variar, uma figurinha difícil, a lesbica Carolyn, fazem assaltos espertos, tecnicamente perfeitos e altamente lucrativos. A livraria não o sustenta, os assaltos aqui e ali é que o mantém vivo e bebendo o seu café com Bourbon. Tem uma amante, Denise, a quem conta quase tudo, mas não tudo. Num dia de mais um assalto, eles (Rhodenbarr e Carolyn) encontram jóias de valor, o que seria o lucro do assalto, mas encontram também um níquel, um v-níquel, antigo, raridade que vale uma fortuna. Levam tudo isso a um receptor, aquele que recebe o resultado dos furtos, compra-os e os revende. Aí começam as confusões. O receptor paga pelas jóias mas não pelo níquel, que fica em suas mãos até ele possa encontrar um comprador à altura. Dois crimes ligados ao níquel. Ele, Rhodenbarr, que a polícia conhece muito bem, é o primeiro suspeito. Livro de tirar o fôlego, ágil, divertido, personagens psicologicamente os mais exóticos, todos quase

de um baixo mundo novaiorquino. O final? Não conto não.

Um Baile no Matadouro repete o ex-tira Matthew Scudder, mas ele que no outro livro era típico alcoólatra, desses que acorda, e, mesmo antes do café, toma seu uísque para rebater a ressaca da véspera, agora é abstinente e freqüente reuniões do AA, os Alcoólicos Anônimos. Dos cinco livros que eu li, talvez seja o mais violento, o mais assustador, incluindo em seus temas assuntos tenebrosos como pedofilia, sexo e morte misturados para maior prazer, momentos de terror que lembram Edgar Allan Poe, mas nunca fogem de um realismo que assusta e só assusta porque todos sabemos que está ali na esquina, a nossa espreita. Block fala sempre do mesmo mundo que perdeu sua razão de ser. No final desse livro, duas surpresas: primeiro, quando não consegue provas para levar os “monstros” que perseguia até um tribunal, ele simplesmente faz justiça com as próprias mãos, nesse caso, bem armadas. É um final surpreendente, depois desse “ato de justiça” (Block nos faz aceitá-lo) ele entra numa igreja, ele, Scudder e seu parceiro justiceiro, os dois de repente, sem pensar duas vezes, tomam a hóstia sagrada. Comungam. É isso. Olhem o diálogo que se segue:

- Por que recebeu a comunhão?
- Não sei.
- Você deve ter uma idéia.
- Não. Não tenho mesmo. Há uma porção de coisas que eu faço sem saber que estou fazendo. Metade do tempo não sei por que permaneço sóbrio, se você quer saber a verdade. É na época que eu bebia o tempo todo, também não sabia por que estava bebendo.

Antes, os dois têm uma conversa sobre a justiça divina, olhem só:

- Deus do céu!
- O que você quis chamá-lo. O Poder Supremo, A Força Criativa do Universo, O Grande Talvez. Era assim que Rabelais o chamava. Você achou que O Grande Talvez não estivesse à altura da tarefa de modo que cabia a você assumir o controle da situação?

- Não. Não foi isso. Eu pensei: posso deixar pra lá e um dia tudo vai se resolver como tem que ser. Mas eu queria vê-los mortos e simplesmente queria ser o f.d.p. a matá-los.

Incrível que depois dessa conversa, ele tome a hóstia. Ele não se desculpa, ele acha que fez justiça e pronto.

Os Pecados dos Pais – Uma moça é assassinada e seu companheiro sai pela rua, ensanguentado, gritando palavrões e mostrando o sexo aos que passam. É preso como assassino, mas se enforca na prisão. Matthew Scudder é contratado outra vez: um pai que não via essa filha assassinada há muito tempo quer saber como ela estava vivendo, por que foi assassinada e se foi mesmo o rapaz quem a matou. Só posso adiantar que o título *Os Pecados dos Pais* é totalmente apropriado.



Arte cinética

Rio vê pinturas de Soto

O Centro Cultural do Banco do Brasil inicia 2005 com a primeira mostra individual e retrospectiva no Brasil da obra de um dos mais importantes nomes da arte no século XX, Jesús-Rafael Soto. A exposição ocupa quatro salas do CCBB: três com a trajetória de Soto e uma com artistas brasileiros como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Sérgio Camargo, Lygia Pape, Franz Weissman, Arthur Piza, Amílcar de Castro, Willys de Castro e Alfredo Volpi, que mantêm uma relação com a obra do artista venezuelano.

Intitulada *Soto: a construção da imaterialidade*, a mostra reúne 37 pinturas do artista, um dos pioneiros da arte cinética, que procura aplicar o movimento nas artes plásticas. Os trabalhos vieram da Fundação ligada ao Museu que leva seu nome em Ciudad Bolívar, da Coleção Cisneros e de particulares além do Museu de Arte Contemporânea da USP. Considerado por muitos o mais importante artista plástico vivo da América Latina ainda



Divulgação

produzindo, Soto vive hoje entre Paris e Caracas, e participou de cinco Bienais em São Paulo.

Soto: a construção da imaterialidade estará aberta ao público de 24 de janeiro a 3 de abril. **(G.C.)**

Livros relidos

Páginas e tintas se misturam na mostra de Eric Collete

Estréia dia 5 de janeiro no Centro Cultural Correios a exposição *Ex-capas – objetos*, do francês Eric Collette. São 25 obras do artista, que reaproveita capas, lombadas e páginas restantes do restauro de livros, fazendo diversas intervenções em pintura em óleo, nanquim e outras técnicas. Collete, ao mesmo tempo em que reacende o debate com foco no objeto "livro", faz com que o

releitura do livro, segundo ele, fósil no mundo da alta tecnologia. O artista quer fazer o visitante pensar, e nunca esquecer que o livro leva ao mundo mágico da metamorfose dos objetos-ícone de nossa civilização.

A exposição fica em cartaz até o dia 20. A entrada é franca e a visitação é de terça a domingo, das 12h às 19h. **(G.C.)**



Divulgação

observador se remeta a evocações mais diversas no que se refere ao conhecimento e cultura.

Radicado no Brasil desde 1983, o Eric Collete quis fazer com esta mostra uma

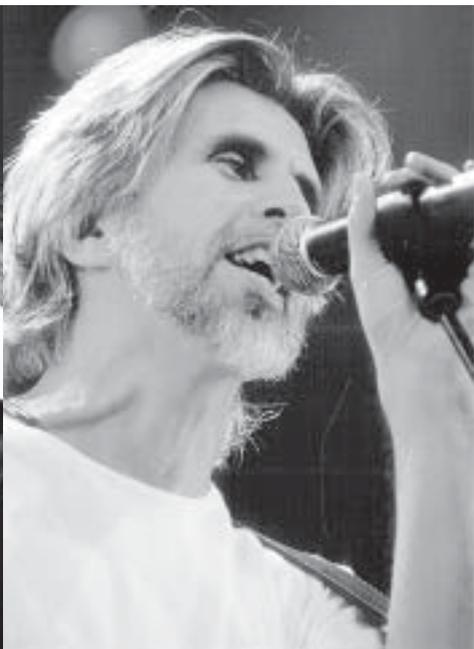
Buffet Hidro Rodrigues
Eventos e Recepções em Geral
Tradição de mais de 40 anos

Desejamos a todos que 2005
seja uma festa!

Rua David Campista, nº 35
Humaitá - Rio de Janeiro - CEP: 22261-010
Tel.: 2539-1586 Telefax: 2527-6685



Divulgação



Ricardo Poock

As novidades de Oswaldo Montenegro e Fábio Júnior

Cantores começam 2005 no Claro Hall

Oswaldo Montenegro estreia show de divulgação do DVD *25 Anos de História*, no Claro Hall, dia 8, com um som que mistura acústico, elétrico, moderno e medieval. Acompanham Montenegro: Madalena Salles (flautas/teclados/vocal); Caique Vandera (programação de computadores/teclados/piano/vocal); Alexandre Reis (guitarra/baixo/violão); Fernando Nunes (contrabaixo/vocal); Lui Coimbra (cello/charango/violão /vocal/direção musical) e Pedro Mamede (percussão/bateria/computadores). O show conta também com a participação especial do Grupo de Música Antiga da UFF (Universidade Federal Fluminense), tocando instrumentos das Idades Média e Renascentista. Aloisio Legey,

concebeu e roteirizou o espetáculo que traz músicas novas e sucessos como *Bandolins, Léo e Bia, Intuição, O Condor, A Lista e Lua e Flor*.

Fábio Jr também começa o ano de 2005 com uma temporada no Claro Hall, nos dias 14 e 15, acompanhado por seis músicos: Jota Resende (teclados / maestro), Roger Dias (guitarra / violão), Albino Infantozzi (bateria), Clodoaldo Canizza (percussão), Pedro Ivo (baixo) e Edson Guidetti (guitarra / violão), e quatro *back vocals* que dão um show à parte, Aldo Gouveia, Jairo Silva, Marcio Silva e Wilber Salles. No repertório, *Alma Gêmea, Pai, Caça e Caçador, Senta Aqui, Enrosca, Minha Outra Metade* e *Volta*, de Lupicínio Rodrigues. **(G.C.)**



Video Locadora

PARADISE

13 anos de fortes emoções

- CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
- EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
- LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana

Programação pra macho

Estréia na Sky o primeiro canal brasileiro para homens

Está prevista para este mês a chegada na Sky do primeiro canal para o público masculino nas telinhas brasileiras. Na programação do canal a cabo FX, séries e filmes de ação; comédias; notícias; blocos de esporte; consumo e comportamento; ação e aventura no estilo *reality* e programas sensuais. Os telespectadores terão ainda blocos como *FX Speed* (esportes a motor), e *FX Fuel*, (esportes radicais) e *FXXX* (sensualidade e erotismo). As sessões de cinema foram batizadas de *Quebra Tudo* (luta e ação), *Lavagem Cerebral* (comédia) e *Tem Que Ser Macho* (terror). O FX também preparou uma sessão especial para os fãs de séries clássicas. Os saudosistas poderão acompanhar *Batman*, *Viagem ao Fundo do Mar*, *Perdidos no Espaço* e *M*A*S*H**. Entre as séries principais estão: *Rescue Me* (drama em episódios sobre o cotidiano de um grupo de bombeiros de Nova York e seus conflitos

personais após 11 de setembro), *Penn & Teller* (dupla de mágicos), *Family Business* (sobre um homem comum que tenta ganhar a vida na indústria pornográfica), *Free For All* (animação que retrata as aventuras de um multimilionário e seu melhor amigo, baseada na história em quadrinhos de *Brett Merhar*, publicada em mais de 75 jornais americanos), *Playmakers*, *COPS* (um dos primeiros *reality shows* da TV americana, que acompanha o trabalho de policiais) e *Arquivo X* (mostra a rotina de dois agentes especiais do FBI que investigam casos ainda não solucionados pela agência, chamados de Arquivo X – histórias que esbarram em muitos mistérios e fenômenos paranormais). Considerado um dos canais de maior audiência nos EUA, o FX foi lançado em 2004 na Grã-Bretanha, e ganhou destaque com homens entre 25 e 44 anos. **(G.C.)**

Divulgação



PARADISE apresenta
 www.paradisearte.com.br
 Mito em Cena Cia Teatral

A Fantasia de Pinóquio
 Inspirado na obra de Carlo Collodi

Texto e Encenação: Lílian Lemos Clara Nunes

TEATRO CLARA NUNES
 Direção de Lílian Lemos

SABADOS E DOMINGOS
 17:00 HORAS

Traga este anúncio e pague apenas R\$12,00*
 *Preço promocional não cumulativo

PORTUGUESE FOR FOREIGNERS

TRANSLATION SERVICES

- Inglês - Português - Inglês
- Versão e Tradução Especializada
- Artigos, textos acadêmicos, currículos, resumos, outros

www.portugueselanguage.pro.br
 rjmayer@portugueselanguage.pro.br

2540-9891

BOSSA CARIOCA

A fina flor da bossa-nova subiu ao palco do Canecão, dia 16 de dezembro, para o show *Bossa Nova in concert*. A apresentação comemorou o sucesso que o gênero musical tem feito no mundo.



Fotos: Ricardo Poock



O ritmo surgiu no Rio de Janeiro, na década de 50, fruto da genialidade de João Gilberto. O baiano, com sua batida diferente atraiu a atenção de seus pares – o insubstituível Tom Jobim, um mago da harmonia e da melodia, e Vinícius de Moraes, nosso saudoso poietinha. O movimento logo conquistou os brasileiros. E em 62, depois de uma apresentação antológica no Carnegie Hall, em Nova Iorque, ganhou o status de música brasileira internacional.

A direção musical do espetáculo coube a Roberto Menescal, e o posto de mestre de cerimônias, ao impagável Mièle que, além de um grande apresentador, é envolvido até a raiz dos cabelos com o movimento. Entre uma projeção e outra de imagens representativas do surgimento da bossa-nova, foram se apresentando então, os artistas convidados. Os mestres da dissonância, o conjunto Os Cariocas, mostraram uma primorosa interpretação de *Ela é Carioca* (Tom e Vinícius). A seguir, com sua voz envolvente, poderosa, Johnny Alf, ao piano, é claro, apresentou de sua autoria *O que é Amar e Rapaz de bem* e deu o clima de casa noturna, de mesa a dois, escurinho, sabe como é... Logo depois veio João Donato, também ao piano, com duas parcerias: *Minha Saudade* (com João Gilberto) e *Amazonas* (com Lisyas Enio). Carlos Lyra trouxe *Influência do Jazz* e o *hit Lobo Bobo*, só que desta vez na versão para o inglês, seguido por Roberto Menescal e Wanda Sá com *O Barquinho* e *Telefone* (com a participação de Mièle), ambas da dupla Menescal e Bôscoli. Chegou então a vez de Leny Andrade e Pery Ribeiro se apresentarem com *Medley* (abertura do famoso show Gemini V) e *Batida diferente*, antecedendo a entrada de Eliane Elias que, ao piano, executou *Piano Solo –Pout pourri, Quem diz que sabe* (Lyra e Donato), *Fotografia* (Tom Jobim) e *Baubles, Bangles & Beads*. Marcos Valle trouxe *Samba de Verão* e *Os Grilos*, ambas de sua autoria e de seu irmão, Paulo Sérgio Valle que assistia a tudo da platéia. Fechando a lista, veio a turma do Bossacucanova, que está se destacando com uma nova leitura da velha bossa com Cris Delanno arrebrandando em *Agua de Março* e *Garota de Ipanema*. Encerrando o espetáculo, todos juntos em *Só danço samba*, as três últimas da dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes. **(R.P.)**



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br

Divulgação



RESTAURADO. Terra em Transe, o mais polêmico e importante filme do cineasta Glauber Rocha, acaba de ser restaurado em alta definição. Filmado em 1967, no Parque Lage, no Rio de Janeiro, a nova cópia, em 35mm, foi exibida com enorme sucesso no último festival de cinema de Brasília, em novembro último. Com enorme repercussão internacional, Terra em Transe tornou-se um clássico do cinema moderno, inspirando comentários de cineastas internacionais como Coppola, Godard, Pasolini e Martin Scorsese, que chegou a restaurar uma cópia para o acervo de uma instituição de pesquisa nos Estados Unidos. A coluna torce para que o clássico dos clássicos do cinema nacional entre em cartaz na cidade, para que jovens cineastas aprendam como fazer um bom filme, sem gastar muito.

Polêmica à vista. Vem chumbo grosso por aí. A polêmica e escandalosa viúva de Kurt Cobain, a cantora Courtney Love, que não sai das páginas policiais, planeja para o ano que vem escrever sua autobiografia. Diz ela que precisa ganhar dinheiro para pagar dívidas acumuladas, que chegam à cifra de 4 milhões de dólares. No livro, a cantora promete contar todos os segredos, até os menores e mais pecaminosos. Não falei? O livro promete.



Divulgação

Vale a pena. O preço é salgado, mais vale a pena. O violoncelista pernambucano Antonio Menezes, considerado um gênio,

lança em solo brasileiro as seis suítes de Johann Sebastian Bach. Restrito ao mercado japonês, o CD chega ao Brasil pelo selo paulista Avie/clássicos. Menezes, que é estudioso da obra de Bach, foi o primeiro brasileiro a vencer o concurso em Moscou, 22 anos atrás. Aos 46 anos e há 20 morando na Suíça, o músico faz em média 90 concertos no circuito europeu, asiático e americano. Como disse no começo da nota, o preço do CD *As Seis Suítes para Violoncelo* custa 75 reais. Mas vale a pena.

Homenagem merecida. Enciclopédia viva da música popular brasileira, o escritor, produtor e crítico musical Hermínio Bello de Carvalho vira tema de filme em 2005, ano em que completa 70 anos. O filme será dirigido pela cineasta Sônia Machado, em parceria com Ale Monto. Descobridor de talentos como Paulinho da Viola, Clementina de Jesus e parceiro de Cartola, Pixinguinha e Baden Powell, o produtor diz estar feliz da vida com a homenagem.



Divulgação

Design Espanhol. Depois de passar com sucesso por nove países latino-americanos, chega ao Rio a exposição *Projeção: A Nova Geração de Design Espanhol*. A mostra fica em cartaz até 31 de janeiro e pode ser vista no Centro Cultural da Justiça Federal, no centro da cidade. São livros, móveis, vestidos e imagens em projeção interativa reunindo mais de 100 trabalhos. A novidade da exposição está em mostrar ao público os esboços dos projetos até a arte final. Entre os convidados da mostra estão o desenhista gráfico Isidro Ferrer, Héctor Serrano e Mirian Ocariz

Imperdível. Assistido por mais de 3 mil expectadores em apenas 12 dias, o espetáculo *Lupicínio & outros amores*, com os ótimos atores/cantores Cláudio Botelho e Soraya Ravenle, volta aos palcos cariocas em janeiro. A peça fica em cartaz no Café Teatro Arena até o fim do mês. Imperdível.